

## ANALISE DO USO DE FERRAMENTAS PARTICIPATIVAS NOS GRUPOS COLÔNIA MACIEL E SÃO DOMINGOS

**ANANDA ADORNETTI<sup>1</sup>**; **GABRIELE DIAS<sup>2</sup>**; **VALÉRIA NIZOLLI<sup>2</sup>**; **DÉCIO COTRIM<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – anandaadornetti@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – gabriele.s.dias@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – val.nizolli@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas - decicotrim@yahoo.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

A Feira Virtual Bem da Terra é uma iniciativa conjunta da Associação Bem da Terra, do Núcleo Economia Solidária e Incubação de Cooperativas - NESIC-UCPel e do Núcleo Interdisciplinar de Estudos e Extensão em Tecnologias Sociais e Economia Solidária - TECSOL-UFPel, junto à consumidores engajados que visa a implementação de um canal de comercialização auto-organizado entre agricultores dos empreendimentos de economia solidária e consumidores conscientes.

A Associação Bem da Terra surge em 2006 e se caracteriza por ser um grupo de associações, cooperativas, grupos informais e outros modelos de empreendimentos de economia solidária que se organiza em torno de iniciativas de qualificação da produção e organização de espaços de comercialização. Atualmente a rede conta com três canais de comercialização para o fortalecimento de seus empreendimentos, que são as feiras itinerantes que ocorrem nos espaços da UCPEL, IFSul e Fórum de Justiça, um ponto de vendas no mercado público de Pelotas e a Feira Virtual.

O NESIC é um núcleo originário da Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares (INTECOOP), existente há dez anos, onde a partir de 2007 passou a ser denominado Núcleo Economia Solidária e Incubação de Cooperativas. O TECSOL surgiu em 2011 como uma incubadora de empreendimentos de economia solidária na UFPel, tendo se consolidado após aprovação da sua institucionalização na universidade no último período. Hoje conta com diversos projetos entre os quais se encontra o projeto Construção de Bases da Agricultura Ecológica pela Economia Solidária, do qual fazem parte os autores. O objetivo do projeto Construção é incubar grupos de agricultores familiares estimulando sua transição de modelos de produção convencionais para agroecológicos através da organização econômica solidária.

Hoje o projeto Construção trabalha com seis grupos, entretanto especificamente, para este trabalho analisaremos o Grupo Colônia Maciel, composto por duas famílias, localizado na colônia, que dá o nome ao grupo, na divisa entre os municípios de Pelotas, Morro Redondo e Canguçu. Este grupo, que já participava da Associação Bem da Terra, iniciou o processo de comercialização na feira virtual com dificuldades tanto em sua organização quanto em relação à produção. E também o Grupo São Domingos que surgiu no inicio de 2016 tem como coordenadores o casal de produtores rurais, *Dona Leonor e Seu Joaquim*, os quais já faziam parte da feira só que inseridos em outro grupo o MPA Coxilha do Silveira, porém por divergências internas com os outros membros, o casal, juntamente, com outra família de agricultores retiraram-se e fundaram o Grupo São Domingos.

A Feira Virtual Bem da Terra<sup>1</sup> iniciou suas atividades em dezembro de 2014 e constitui-se de um mecanismo de comercialização on-line. Através da internet, mais especificamente, através da plataforma Cirandas. Desde o início de sua implementação, muito protagonizada por ambos os núcleos universitários, a feira é organizada através de reuniões gerais semanais e grupos de trabalho. São esses os grupos de trabalho: GT Externos, GT Sede, GT Financeiro, GT Educação e GT Construção.

O GT Construção atua como um GT Rural tanto pela importância da feira quanto canal de comercialização quanto pelas possibilidades que essa atuação de extensão rural pode gerar para os processos de incubação.

Desse modo, o presente trabalho tem como objetivo relatar e analisar a utilização de ferramentas participativas na ação de extensão rural junto aos grupos.

## 2. METODOLOGIA

O presente trabalho visa contribuir para a construção e execução de estratégias com o intuito de diagnosticar as demandas, planejar e/ou executar intervenções necessárias aos processos de incubação e transição agroecológica utilizando –se do método participativo através do Diagnóstico Rural Participativo (DRP) que é um conjunto de técnicas e ferramentas que possibilitam identificar aspectos específicos e de gênero e utiliza fontes diversas para assegurar uma coleta comprehensível de informação, como a revisão de dados secundários, a observação direta de eventos, processos, as relações entre as pessoas, as entrevistas semi-estruturadas, diagramas, formulação de mapas e os calendários de atividades permitindo que a comunidade faça o seu próprio diagnóstico e a partir e desta maneira, os participantes podem compartilhar experiências e analisar os seus conhecimentos, a fim de melhorar as suas habilidades de planejamento e ação (VERDEJO, COTRIM, RAMOS, 2006).

Na ação de extensão rural dos estudantes foram utilizadas as ferramentas participativas, que fazem parte do DRP, do mapa e do calendário sazonal. O mapa da propriedade consiste em um desenho livre onde os produtores desenham a forma como eles enxergam as suas propriedades, mostrando os detalhes produtivos e de infraestrutura social, elencando respectivamente o que é importante ou não. Já o calendário sazonal consiste na confecção de um calendário onde se apresentam conjuntamente relações entre os ciclos sazonais naturais e suas repercuções em outros ciclos, em uma escala que se apresenta em meses, possibilitando visualizar as relações entre clima, pessoas, animais, rotação de cultivos e carga mensal de trabalho.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O trabalho realizado com os grupos, Colônia Maciel e São Domingos, foi com base no DRP (Diagnóstico Rural Participativo), no qual há uma horizontalidade entre os grupos estudados e a incubadora. Foi realizado pelos próprios agricultores o mapa da propriedade alem do calendário sazonal, em que consta épocas de plantio, colheita e comercialização dos produtos; que são algumas das ferramentas do método, aliado também a entrevistas com o grupo e visitas regulares.

---

<sup>1</sup> Maiores informações: [vide:youtube.com/watch?v=OFZIqUM8j6M](https://www.youtube.com/watch?v=OFZIqUM8j6M)

No Grupo Colonia Maciel primeiramente foi realizado o mapa da propriedade, onde as produtoras Jane e Heloísa fizeram respectivamente um desenho livre de suas propriedades. No mapa da produtora Jane podemos observar que na área onde estava desenhado a sua horta orgânica, o desenho continha uma grande riqueza de detalhes, evidenciando a importância daquele espaço. Entretanto, uma outra área, na qual a família arrenda a terra para a produção de soja convencional representava no mapa uma área muito maior do que de fato existirá na propriedade. Com isso podemos observar que a lavoura de soja tem um peso maior na renda da família do que a horta de produção agroecologia.

Já no mapa da produtora Heloísa podemos perceber que a casa e horta tem uma grande importância. Além da produção de hortaliças ela também produz doces e compotas. Entretanto, a horta e a produção de doces não são a única forma de renda da família. No mapa também podemos perceber o desenho de chácaras de pêssegos plantados de forma convencional. Neste grupo há uma divisão de trabalho e responsabilidades dentro da propriedade, a produtora Heloísa é exclusivamente responsável pela horta enquanto a chácara de pêssego é comandada pelo seu marido com sua ajuda. Através da divisão de trabalho entre Heloísa e seu esposo, podemos perceber uma certa divergência de ideias entre a produção agroecológica e a convencional. Outro aspecto importante do mapa, é que embora exista esta divergência de ideias, podemos perceber que a produção agroecológica tem ganhado espaço dentro da propriedade.

O mapa e o calendário do Grupo São Domingos foram realizados pelo casal de produtores os quais lideram o grupo, o desenho da propriedade foi feito pela Dona Leonor, a mesma por realizar atividades mais domésticas, diferentemente do Seu Joaquim, em que a maioria das suas são realizadas na horta, apresentou no desenho uma perspectiva grande na casa e houve falta de detalhes na exposição da horta, como por exemplo, não foi esquematizado a estufa que tem grande importância para o produtor, devido a facilidade do cultivo além da maior dedicação e zelo que o produtor tem por aquela área.

Na utilização do calendário, pode-se observar, em ambos os grupos, as épocas de plantio, manejo de animais, colheita, tratos culturais e comercialização das hortaliças, o calendário conta também com as demais atividades realizadas as quais geram renda a família, como por exemplo, confecção de geleias, doces e conservas.

#### 4. CONCLUSÕES

Após o ação de extensão rural realizada com os grupos pode-se observar que ambos fortaleceram-se com a entrada de novos integrantes, houve um estreitamento de laços entre a coordenação do grupo e o Tecsol, o que foi fundamental para esse processo, além de contribuir positivamente na renda das famílias. Atualmente, os grupos comercializam na feira virtual hortaliças, panificados, produtos de origem animal (queijos e ovos), doces, geleias, conservas e artesanato.

O uso de ferramentas participativas enriqueceram o aprendizado e a prática de abordagem extencionista, pois o método se caracteriza por ser distinto do convencional difusãoista, que é o mais utilizado, em que há verticalidade entre os grupos e a incubadora. Assim pode-se observar que os frutos colhidos e a união estabelecida entre os indivíduos foi essencial no processo de aprendizagem.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DIAS, G. Os impactos da implementação da feira virtual sobre os empreendimentos rurais da rede bem da terra. In: **CONGRESSO DE EXTENSÃO E CULTURA**, Pelotas, 2015 **Anais...** II Congresso de extensão e cultura da UFPel, 2015. v. 5. p. 115.

VERDEJO, Miguel Expósito. Diagnóstico rural participativo: Um guia prático.

[http://www.itcp.ufv.br/?page\\_id=17](http://www.itcp.ufv.br/?page_id=17)

CRUZ, A. **É Caminhando que se faz o Caminho–diferentes metodologias das incubadoras tecnológicas de cooperativas populares no Brasil.** CAYAPA Revista Venezolana de Economía Social, v. 4, n. 8, p. 38-57, 2004.